

INTRODUÇÃO

# OS JORNALISTAS NAS REDAÇÕES:

## funções, influências e mudanças na prática do jornalismo

Copyright © 2018  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

SONIA VIRGÍNIA MOREIRA

*Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG, Brasil*

*Orcid: 0000-0001-9583-4400*

MARTÍN OLLER ALONSO

*Universidad de La Habana, La Habana, Cuba*

*Orcid: 0000-0002-2256-5681*

DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n2.2018.1146>

No campo de estudos sobre o jornalismo, a profissão e suas rotinas como parte da estrutura organizacional dos meios de comunicação têm sido os pontos mais frequentes de convergência das análises produzidas na academia. O jornalista como agente central do processo jornalístico, porém, ficou durante muito tempo fora desse foco. Este número especial da **Brazilian Journalism Research** espera preencher parte dessa lacuna ao reunir artigos que tratam principalmente dos jornalistas nas redações e das práticas do jornalismo em diferentes ambientes organizacionais e institucionais. Nesse contexto, um propósito adicional do dossiê foi dar espaço para textos de autores de países ibero-americanos com base em resultados da pesquisa comparada internacional Worlds of Journalism Study, que entre 2012 e 2016 incorporou dados coletados por investigadores de 67 países junto a jornalistas de redações de meios impressos, audiovisuais e on-line. Resultam desse projeto comparado internacional os artigos referentes à Argentina, a Portugal, à Espanha e, em grande medida, a própria experiência dos organizadores deste dossiê como coordenadores do projeto respectivamente no Brasil e no Equador.

Os artigos aqui reunidos abordam aspectos específicos dos sistemas de mídia ibero-americanos com indicações que abrangem a regulamentação da profissão, a formação profissional e a prática jornalística considerando as percepções dos profissionais relacionadas a confiança, ética, autonomia, condições de trabalho e mudanças provocadas pelas tecnologias no exercício da profissão. São assuntos importantes para o jornalismo e os jornalistas dessa região ampliada, que permitem explorar a vasta diversidade profissional, além de os interesses, as tendências e as tensões individuais e coletivas dos profissionais diretamente envolvidos na sua práxis.

No jornalismo ibero-americano, caracterizado por um modelo complexo fundamentado nos preceitos de conflitos, cruzamentos e interposições culturais (Oller, 2016), alguns pontos são essenciais para análise: 1) as influências e as limitações percebidas pelos jornalistas – tanto as internas (nas próprias redações) como as externas (sociais, culturais, políticas, econômicas etc.); 2) o papel do jornalismo e dos jornalistas na mudança política e social; 3) a prevenção da corrupção; 4) a consolidação democrática nos seus países; e 5) a adaptação, a assimilação e adequação da profissão às transformações que a internet e o avanço das tecnologias acarretam.

O projeto colaborativo *Worlds of Journalism* tem sido uma fonte de apoio e fortalecimento da pesquisa empírica ibero-americana na última década, focada no estudo de jornalismo e comunicação, rompendo assim o ciclo de escassez de produção científica na área e a excessiva teorização. Desde o início deste milênio, Hallin & Papathanassopoulos (2002) identificaram certas semelhanças entre o jornalismo praticado em sub-regiões ibero-americanas (do Cone Sul, Andina, da América Central, da América do Norte, do Caribe e do Mediterrâneo), com o surgimento de um número considerável de estudos mostrando que, embora essas práticas profissionais sejam histórica e culturalmente próximas, existem disparidades inegáveis: tipos distintos de governos autoritários e ditatoriais; mudanças abruptas de influências e tendências políticas; transições de regimes totalitários para democráticos nas últimas décadas; baixo nível de desenvolvimento democrático; acentuada assimetria ideológica e política; caráter inter/multicultural e cultura híbrida/mestiça; liberalização econômica com tentativas parciais e isoladas de emancipação; grandes desafios sociais a serem superados – como crises recorrentes, desigualdade endêmica, violência endógena,

corrupção, segregação, polarização etc.; exclusão tecnológica e analfabetismo digital; e clientelismo, instrumentalização e concentração de mídia, entre outras.

Ao longo da década de 2000 e em parte da década de 2010 surgiram na Argentina, no Brasil, no Equador, na Bolívia, no Uruguai e na Venezuela governos de esquerda com interesse manifesto na elaboração de políticas de mídia direcionadas para a diversificação do mercado e ao jornalismo como serviço público. No entanto, tal situação começou a se reverter nos últimos cinco anos, devido a alterações do quadro político em alguns desses países – como Brasil, Argentina e Equador. Essas mudanças têm incentivado debates e gerado polêmicas sobre o papel do jornalismo – e dos jornalistas –, além de impulsionar revisões de marcos normativos e uma nova legislação para as políticas de comunicação e de mídia, dado o evidente antagonismo entre proprietários de conglomerados privados de mídia (patrocinadores do mercado), líderes de governos progressistas identificados como populistas e os próprios profissionais da comunicação (Oller, Amado & Moreira, 2016). No caso dos países andinos, por exemplo, o papel proativo do Estado na regulamentação do jornalismo tem sido claro nos últimos anos, com a criação de agências responsáveis pela regulação dos meios de comunicação que visam a promover o livre exercício dos direitos e da opinião dos cidadãos (Suing, Ortiz & González, 2016). No México, no Chile, na Colômbia e em El Salvador, porém, se manteve e até cresceu a tendência de concentração dos grupos de mídia; de conspiração como práticas jornalísticas cotidianas (Guerrero & Marquez, 2014; Hellmueller & Mellado, 2016; Garces & Arroyave, 2016); e de ataques contra jornalistas (Hughes et al., 2017).

Nos países do Mediterrâneo, a grave crise econômica iniciada há uma década (2008) acentuou algumas características endógenas do jornalismo no sul da Europa, entre as quais a concentração da mídia. Exemplo disso é a Espanha, onde 58% do mercado de mídia é controlado por três empresas (CMPF, 2016). Da mesma forma, Grécia, Espanha, Portugal e Itália são governados por sistemas democráticos tardios, onde os partidos mantêm fortes alianças sociais e consenso político (Hallin & Mancini, 2012) e onde o jornalismo tem se caracterizado pela baixa qualidade e pela reduzida circulação de jornais (Peruško, Vozab & Čuvalo, 2013).

A natureza heterogênea da América Latina explica a

multiplicidade da práxis jornalística nos países da região e as diferenças consideráveis em relação a outras partes do mundo; incluindo os países ocidentais que compõem o “norte global” e que ainda são tomados como modelos de referência profissional. Tal realidade regional e local requer uma análise detalhada das peculiaridades do jornalismo inerentes à sua própria idiossincrasia e arqueologia social. Trata-se de um compromisso introspectivo e epistemológico que implica para a pesquisa na região a obrigação, em primeiro lugar, de conceituar novamente e reconsiderar os fundamentos epistemológicos das bases teórico-práticas do jornalismo latino-americano e, em segundo lugar, um exercício de abstração e inclusão das características de cada uma das realidades locais e universais que coexistem em paralelo, ao mesmo tempo desconexas e amalgamadas como fenômenos que são parte da vida cotidiana dos cidadãos e, é claro, dos jornalistas e profissionais da comunicação. Em outras palavras, o objetivo final dos pesquisadores da área é acomodar a infinidade de fatos, realidades, tarefas e ideias que determinam o significado do jornalismo e de quem é o jornalista na América Latina. Esse desafio implica em soltar o “salvavidas teórico” para nadar em direção às águas turbulentas da prática profissional diária dos jornalistas que trabalham nas redações latino-americanas de mídia – as tradicionais e as emergentes – na tentativa de sistematizar, estruturar e normalizar sua práxis em um corpo teórico e conceitual capaz de abranger de modo integral a profissão jornalística.

O estudo do jornalismo na região demanda a análise da relação dinâmica entre localismos e universalismos na profissão e da constante negociação de significados e significantes com as autoridades no poder em cada um dos países latino-americanos. É um aspecto que implica a pergunta: quais são os níveis de observação a serem estabelecidos nas investigações de jornalismo que permitem aos pesquisadores encontrar os detalhes e diferenciar circunstâncias das culturas jornalísticas locais, regionais e globais? Trata-se de um desafio metodológico que define os pontos-chave da profissão em cada país e região para além dos modelos jornalísticos regionais definidos como “*captured liberal*” (Guerrero & Marquez, 2014), de predominância da mídia comercial privada na América Latina, e “pluralista polarizado” (Hallin & Mancini, 2004) nos países europeus do Mediterrâneo. São propostas que, embora plenamente válidas e vigentes, servem

como referências regionais gerais para o jornalismo nas duas sub-regiões e requerem uma análise detalhada das realidades locais e particulares circunscritas a cada país.

As culturas jornalísticas nacionais se constituem a partir de “princípios” contextuais nacionais e influências profissionais transfronteiriças incorporadas via processos de difusão e transferência. Os pesquisadores em jornalismo na América Latina são, assim, obrigados a conhecer os modelos jornalísticos hegemônicos do Norte para poder contrastar as características da profissão em cada país latino-americano e os cruzamentos resultantes da assimilação e da adaptação desses modelos jornalísticos “universalizantes”. Como se verifica, o exercício do jornalismo e os sistemas midiáticos não se constituem de forma autônoma e independente dos demais que configuram um Estado – pelo contrário, dependem direta e indiretamente das relações de poder criadas entre suas diferentes estruturas. Uma situação que é ainda mais acentuada nos países aqui considerados, que atravessam momentos de desenvolvimento ou de consolidação democrática, nos quais os padrões profissionais dos jornalistas são estabelecidos de acordo com regras, regulamentos, diretrizes e critérios externos à profissão e fundamentalmente vinculados a processos econômicos, políticos, sociais e ideológicos.

Hoje existe uma tendência nas pesquisas comparadas internacionais em jornalismo que vai além do estudo de contextos democráticos consolidados. Em movimento correlato, duas edições recentes da **Brazilian Journalism Research** abordaram temática bastante próxima a esse processo de descentramento em relação aos países do Norte: uma sobre o “Jornalismo no BRICS” (2016) e outra intitulada “Jornalismo no Brasil e na África: Influências Cruzadas, Desenvolvimento e Perspectivas” (2017). Além de concordarmos com o fato de que tanto o jornalismo quanto a democracia exigem e precisam um do outro, é igualmente verdade que o jornalismo é praticado como profissão em países não democráticos, em desenvolvimento e de regimes híbridos – que é o caso da maioria dos países ibero-americanos.

Como parte de um exercício de “inclusão científica regional”, esta edição especial agrega resultados de investigações que mostram o caráter etnográfico do jornalismo ibero-americano e permitem que estudiosos do campo apresentem suas experiências profissionais, sociais e culturais próprias. As experiências teóricas e práticas

incentivam a discussão e oferecem algumas chaves para decifrar a profusão de culturas jornalísticas e profissões a elas associadas.

Nove artigos inéditos e uma republicação de texto compõem este dossiê sobre jornalistas nas redações. Da Espanha, Berganza et al., com o artigo “¿Quiénes Son los Periodistas Españoles? Perfiles Profesionales y Transformaciones en la Profesión”, analisam o perfil sócio-demográfico dos jornalistas naquele país a partir de dados da pesquisa *Worlds of Journalism Study*. Os resultados mostram que o típico jornalista espanhol é homem, com média de 30 anos de idade, formado em Comunicação ou Jornalismo e tem experiência profissional em torno de 15 anos. Os autores destacam níveis significativos de insegurança no trabalho e diferenças de gênero e hierarquia dentro das redações. Segundo o artigo, a relevância do público/da audiência para o jornalismo e as dificuldades econômicas que atravessam a mídia espanhola são as mudanças mais importantes que a profissão experimenta no país.

No artigo “Mutatis Mutandis? A Estabilidade Evolutiva do Jornalismo Português”, Rui Novais apresenta, também com base nos resultados obtidos na pesquisa para o *Worlds of Journalism Study*, um exame comparado diacrônico dos jornalistas portugueses em relação a autonomia, níveis de confiança nas instituições sociais, ideais éticos profissionais e percepção de influências contextuais. O artigo evidencia o estágio de mudanças em que se encontra o jornalismo português devido ao impacto da introdução de novas tecnologias na profissão e no mercado de mídia. Também aborda algumas das circunstâncias que favorecem a deterioração das condições profissionais dos jornalistas e da sua credibilidade pública e a desvalorização dos padrões éticos do jornalismo. Em outro artigo de Portugal, “Transformações do Gatekeeping na Era dos Novos Media: A Internet, os Valores e as Práticas do Jornalismo”, Gil Baptista Ferreira faz uma revisão da literatura que diz respeito à maneira como as formas de seleção de notícias foram afetadas pela tecnologia e como esta passou a desafiar uma das “verdades” fundamentais da profissão: o jornalista como aquele que determina o que o público lê ou vê. Ferreira conclui que o impacto dessa transformação no jornalismo, em especial o digital, baseia-se atualmente em novas circunstâncias de interação com a sociedade, agora mais participativa e consciente do valor das práticas de cidadania.

Com o foco na atividade jornalística na Argentina, Adriana Amado e Silvio Waisbord, autores de “Periodistas y Propiedad de

Medios: Prácticas y Condiciones Profesionales del Periodismo Argentino”, demonstram a partir dos resultados nacionais do Worlds of Journalism Study a multiplicidade de fatores que impactam as práticas dos profissionais argentinos e a cultura jornalística no país. Os autores consideram como elementos de análise os marcos legais, salvaguardas sindicais, diretrizes organizacionais e padrões éticos, entre outros elementos, e chegam à conclusão de que a propriedade dos meios de comunicação não afeta as condições de trabalho nem os modelos profissionais dos jornalistas que neles atuam. Também da Argentina vem o artigo de Ana Pamela Paz García, que traz uma discussão crítica em “Ideología de la Objetividad en Periodismo Político. Actitudes, Valores y creencias en Torno a la Verdad Como Horizonte ¿Posible?”. A autora trabalha com o conceito de objetividade, de auto-percepção das funções profissionais, examina o vínculo existente entre fontes e jornalistas em eventos na cidade de Córdoba e a percepção desses fenômenos pelo público local. Entre os principais resultados, a autora encontrou uma clara ligação entre as respostas dos jornalistas à pesquisa realizada entre 2012 e 2014 e as expectativas de consumo local.

Três artigos examinam a atividade dos jornalistas nas redações brasileiras. Em “O jornalista entre a profissão e a empresa: valores e rotinas na produção de editoriais da *Folha de S. Paulo*”, Mont’Alverne et al. avaliam como são elaborados os posicionamentos dos editorialistas do diário paulistano. Os autores consideraram os valores inerentes e as rotinas de trabalho dos editorialistas usando, além do material publicado, entrevistas em profundidade com profissionais do jornal e um estudo da função política, do público-alvo, das rotinas de produção e dos valores da empresa. Os resultados apresentados enfatizam que os editorialistas da *Folha de S. Paulo* têm autonomia limitada e se adaptam à linha ideológica da empresa. “Os jornalistas e uma profissão em mutação: as vozes dos profissionais de uma rádio curitibana” é o artigo de Bárbara Maia Cerqueira, que avalia as alterações numa redação de radiojornalismo em ambiente de convergência associado a transformações econômicas, sociais e produtivas de mídia. As entrevistas semiabertas realizadas com jornalistas da emissora CNB-Curitiba identificaram mudanças no planejamento da produção a partir do uso das tecnologias digitais no cotidiano dos profissionais e constataram que os interesses econômicos e políticos são as principais influências na prática

profissional dos jornalistas. No terceiro artigo de autoria brasileira, Giovana Borges Mesquita também examina as relações complexas que se estabelecem no mundo do trabalho do jornalismo digital e que afetam tanto o cotidiano do profissional como a produção de notícias. Em “Duas redações e a reinvenção cotidiana do jornalismo”, a autora mostra os resultados de um estudo comparado entre as versões on-line de um jornal brasileiro, o *Diário de Pernambuco* (um dos mais antigos do país, fundado em 1825, na cidade de Recife) e de um jornal catalão, o *La Vanguardia*, de Barcelona, o qual pertence ao grupo espanhol Godó. Analisa o que identifica como “audiência potente”, e como esse novo agente envolvido nos processos, práticas e rotinas jornalísticas modifica as pautas e a relação entre veículos e consumidores de informação.

Finalizando os artigos selecionados para o dossiê, Jairo Lugo-Ocando explora o papel de projetos de assistência internacional no desenvolvimento de estruturas de informação em “Un Megáfono para la Verdad: Programas de Cooperación y Asistencia Internacional para el Desarrollo de los Medios de Comunicación y el Periodismo en el sur Global”. O artigo mostra como esse esforço de desenvolvimento além-fronteiras está sendo crucial para a evolução de modelos de jornalismo em países do Sul, favorecendo a convergência em torno de valores, normas e culturas jornalísticas. Mesmo assim, o autor destaca o fato de que a relação entre ajuda externa e o desenvolvimento da mídia no Sul Global é um fenômeno que continua sendo mais complicado e mais dinâmico do que mostram as análises críticas tradicionais.

Também faz parte deste volume a republicação de um artigo de Andrés Cañizales, divulgado originalmente como relatório de pesquisa efetuada entre 2015 e 2017 com 365 jornalistas venezuelanos em oito cidades do país. Entre outros pontos, o texto “El Periodismo en Venezuela se Ejerce en un Contexto Precario” recupera dados de levantamentos anteriores sobre o mercado jornalístico local, identifica as principais funções exercidas pelos entrevistados, os meios em que trabalham, tipos de contrato e formas de censura e auto-regulamentação. A decisão pela republicação do texto se deve, além da qualidade do relatório que deu origem ao *paper*, à ausência de trabalhos específicos sobre o jornalismo na Venezuela.

Como assinalado por este conjunto de artigos, o jornalismo ibero-americano atravessa um período de mudanças rápidas e essenciais provocadas em especial pela digitalização das rotinas

(Salaverría, 2016) e pelo avanço das políticas econômicas neoliberais (Mastrini & Becerra, 2006). Tal conjuntura requer um exame detalhado da cultura jornalística no plano individual e também no seu conjunto baseada em estudos comparados. Análises nesses dois níveis podem ajudar na compreensão de que o jornalismo representa, como instituição e como discurso, um espaço de debate operando dentro de contextos nacionais e regionais fortemente influenciados por processos políticos, econômicos, sociais, culturais, midiáticos e tecnológicos. Mesmo neste período da história em que as tecnologias estão alterando a própria natureza da profissão em todo o mundo, os meios on-line na América Latina não estão aproveitando todo o potencial do momento porque ainda não incorporaram plenamente os processos de apropriação e transformação que a internet e a oferta de tecnologias da informação e da comunicação oferecem (Said & Arcila, 2011).

Além das análises dos processos normalizadores instituídos pelo mercado de mídia, pelos conglomerados econômico-financeiros, pelos aparatos governamentais e por escolas/correntes acadêmicas, o que se sugere nesta edição da **Brazilian Journalism Research** é que temos a oportunidade de operacionalizar conceitos muitas vezes difusos, descontextualizados, globalistas e universalizantes e, com isso, criar um novo constructo teórico que possa ser mensurado e validado empiricamente na região ibero-americana. É uma proposta que se apresenta como um fim em si mesmo, na medida em que as teorias científicas que trataram de “essencializar” o jornalismo a partir de uma visão reducionista, padronizada e estereotipada foram superadas pela abordagem mais flexível e inclusiva que defendem uma identidade profissional diversificada, dinâmica, heterogênea e multifacetada que nos força a responder uma pergunta principal – o que é o jornalismo? – por meio de outras questões: como, para quem, onde e quando? São todas perguntas que podem ser melhor respondidas por meio de estudos longitudinais que estabeleçam uma relação espaço/tempo representativa do próprio fenômeno jornalístico.

As lacunas entre a teoria e a prática do jornalismo na Ibero-América residem na interpretação normativa da profissão que, até hoje, adotou padrões profissionais cujas origens estão em países que associam a noção de jornalismo a modelos políticos e econômicos do hemisfério Norte. Atualmente, porém, é possível encontrar evidências empíricas que atestam e conduzem a uma nova interpretação do

jornalismo em regiões distantes desse “centro nevrálgico” presumido até agora na Europa e na América do Norte.

Nos países ibero-americanos, as democracias em evolução suscitam um tipo de jornalismo bipolar, no qual uma parte dos jornalistas considera a mídia como “plataformas de diálogo público” (Waisbord, 2010) e tem como expectativa profissional o apoio ao desenvolvimento nacional e denúncias de abusos de poder e casos de corrupção como forma de reforçar a força dos cidadãos. Este papel profissional pró-ativo, associado à responsabilidade social do jornalismo, encontra, na prática, vários obstáculos motivados por interesses econômicos e políticos dos proprietários de mídia, políticos de plantão e jornalistas como parte interessada. São algumas das circunstâncias e peculiaridades que favorecem a transgressão de códigos de ética e de códigos profissionais no jornalismo ibero-americano, impedindo-o de atingir níveis de profissionalismo que lhe permitiriam o reconhecimento como uma profissão consolidada em âmbito regional e global.

A natureza institucional do jornalismo permite que seja considerado uma “profissão” na região ibero-americana. Mesmo assim, a prática jornalística está abandonando as “verdades essenciais” que a sustentaram por tanto tempo para agora se resumir a fatos práticos e concretos que a definem no âmbito de contextos com os quais interage e influencia reciprocamente. É um acordo profissional empírico que leva o jornalismo a se constituir a partir de normas formais e informais manifestas em padrões aceitos e assumidos pelos jornalistas e pela sociedade. Estes modelos profissionais “empíricos” evoluem e se alteram ao longo do tempo pelas inovações tecnológicas e novas realidades sociais, econômicas e políticas dentro de um contexto que legitima e garante a existência de um “típico” jornalismo ibero-americano, com suas próprias regras, práticas e convenções profissionais combinadas com costumes, tradições, tabus, crenças, ritos e folclores de uma região intercultural e multiétnica.

Embora não se possa negar que o jornalismo praticado em diferentes territórios da Ibero-América compartilhe padrões profissionais que correspondam a formas de jornalismo exercidas no mundo, as idiossincrasias das suas sub-regiões sugerem regras que formam o cotidiano dos jornalistas e legitimam suas ações e práticas profissionais. Uma tessitura que implica o desempenho do jornalismo em um espaço complexo e cheio de incertezas, para onde

convergem interesses diversos de grupos e associações civis, órgãos públicos e entidades privadas.

Nesse processo, os jornalistas incorporam princípios profissionais que se estabelecem via socialização nas redações dos meios de comunicação. Nos últimos anos, o papel do ensino superior e da formação especializada em jornalismo e comunicação tem causado problemas aos próprios fundamentos da profissão. A nova geração de jornalistas que chega ao mercado nem sempre integra equipes de meios tradicionais, mas segue as recomendações teóricas aprendidas na universidade e as incorporam à experiência empírica cotidiana do seu trabalho. Isso difere dos processos tradicionais da profissão, porque embora as novas gerações compartilhem seu cotidiano com jornalistas veteranos, o grupo de jovens jornalistas tem hoje maior representatividade nas equipes e obedecem a rotinas nas redações que exigem maior formação digital. Dessa forma, tradições e hábitos profissionais que caracterizavam os meios de comunicação começam a desaparecer, favorecendo o crescimento de uma comunidade de profissionais que articula o trabalho jornalístico de modo mais ágil, dinâmico e prático para atender exigências do mercado e de normas que regulam o funcionamento dos meios e o exercício da profissão. Trata-se de uma situação que, por um lado, reforça a identidade dos jornalistas como grupo diversificado de profissionais especializados em comunicação de massa e, por outro, abandona os fundamentos tradicionais do jornalismo.

Embora o ensino nos países ibero-americanos siga hoje modelos padronizadores, com ausência de contextualização e adequação a necessidades locais e regionais do mercado de mídia, os jornalistas mantêm, no plano empírico, uma atitude flexível fomentada por eventos contextuais e pelas dificuldades que o setor enfrenta, que demandam uma constante reconfiguração e renegociação dos parâmetros profissionais estabelecidos em nível teórico e nas normas vigentes nos diferentes países. Conforme destacam Panizza & Miorelli (2013), os jornalistas se vêm obrigados a assumir que as normas, os valores e as práticas jornalísticas fazem parte de um quadro mais amplo de significados e são conduzidos a um processo discursivo que define o objeto do seu conhecimento e sua prática profissional.

Os sistemas existentes na região ibero-americana criam e perpetuam ideias sobre a profissão e permeiam os discursos críticos dos jornalistas que, por sua vez, se situam em um sistema

de mídia interdependente. Essa realidade contextual estabelece parâmetros de apropriação e aceitação do discurso midiático e favorece a constituição de uma identidade jornalística para a sociedade. Existe, porém, uma relação dinâmica intra-sistêmica que envolve a reconfiguração do jornalismo como organização, os jornalistas como agentes de comunicação e o ambiente social em um jogo de constante readaptação interna da profissão. São ações e disposições que variam por país e que geram diferentes variáveis jornalísticas.

Falamos da característica global do jornalismo parece arriscado, especialmente em regiões distantes – geográfica e simbolicamente – do Norte, nas quais os códigos normativos da profissão diferem bastante da prática real do jornalismo. Afinal, o papel do jornalismo, os níveis de confiança e autonomia dos jornalistas e os padrões éticos da profissão se estabelecem a partir da interação com o contexto. Por isso, os pontos abordados neste dossiê se destacam como exercício de uma coerência acadêmica ibero-americana, na qual prevalecem estudos empíricos de realidades locais e regionais. São abordagens que nos permitem investigar culturas jornalísticas nacionais com a lente das experiências de acadêmicos e jornalistas em análise únicas e contextualizadas. Assim, esta edição propõe estabelecer um acordo em torno do significado da profissão jornalística na Ibero-América e suas variantes institucional, estrutural e discursiva que, ao fim, constituem as culturas jornalísticas locais, nacionais e regionais.

## REFERÊNCIAS

CMPF – Center for Media Pluralism and Media Freedom (2016). *Media Pluralism Monitor – Monitoring Risks for Media Pluralism in the EU and Beyond*. Country Report: Spain.

Garcés, M., Arroyave, J. (2016). Explorando los niveles de influencia y su impacto en la percepción de autonomía profesional de los periodistas en el contexto del conflicto armado colombiano. In: A. Amado, & M. Oller, M. (Orgs.). *El periodismo por los periodistas. Perfiles profesionales en las democracias de América Latina* (pp. 48-63). Montevidéo: Konrad Adenauer. Recuperado de [www.kas.de/wf/doc/kas\\_48177-1522-4-30.pdf?170310150429](http://www.kas.de/wf/doc/kas_48177-1522-4-30.pdf?170310150429)

Guerrero, M. A., Márquez, M. (2014). *Media Systems and*

*Communication Policies in Latin America*. Nova York: Palgrave Macmillan.

Hallin, D. y Papathanassopoulos, S. (2002). Political clientelism and the media: Southern Europe and Latin America in comparative perspective. *Media, Culture & Society*, 24(2), pp. 175-195. DOI: doi.org/10.1177%2F016344370202400202

Hallin, D. C., Mancini, P. (2004). *Comparing Media Systems: Three models of media and politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hallin, D. C., Mancini, P. (Orgs.) (2012). *Comparing Media Systems Beyond the Western World*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hellmueller, L., Mellado, C. (2016). Watchdogs in Chile and the United States: Comparing the Networks of Sources and Journalistic Role Performances. *International Journal of Communication*, 10, pp. 3261-3280. Recuperado de [ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/5181](http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/5181)

Hughes, S.; Mellado, C.; Arroyave, J.; Benítez, J. L.; de Beer, A.; Garcés, M.; Lang, K. y Márquez-Ramírez, M. (2017). Expanding Influences Research to Insecure Democracies. *Journalism Studies*, pp. 1-21. DOI: doi.org/10.1080/1461670X.2016.1266278

Mastrini, G., Becerra, M. (2006). *Periodistas y Magnates. Estructura y concentración de las industrias culturales en América Latina*. Buenos Aires: Prometeo Libros.

Oller, M. (2016). La cultura periodística de América latina. De dónde viene, dónde está y a dónde... debería ir. *Revista Razón y Palabra*, 93, pp. 219-228. Recuperado de [dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6331526](http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6331526)

Oller, M., Amado, A. y Moreira, S. V. (2016). The instrumentalization of journalism and journalists in populist governments in South America: the cases of Argentina, Brazil and Ecuador. *IAMCR Pre-Conference: Media & Governance in Latin America*, School of Media and Communications, University of Leeds, England.

Panizza, F. and Miorelli, R. (2013). Taking Discourse Seriously: Discursive Institutionalism and Post-structuralist Discourse Theory. *Political Studies*, 6(2), pp. 301-318. DOI: doi.org/10.1111%2Fj.1467-9248.2012.00967.x

Peruško, Z.; Vozab, D.; Čuvalo, A. (2013). Audiences as a source of agency in media systems: Postsocialist Europe in comparative perspective. *Medialni studia*, 2, pp. 137-154. Recuperado de [bib.irb.hr/datoteka/641366.2\\_perusko.pdf](http://bib.irb.hr/datoteka/641366.2_perusko.pdf)

Said, E. y Arcila, C. (2011). Los cibermedios en América Latina y la Web 2.0. *Comunicar*, 37(XIX), pp. 125-131. DOI: doi.org/10.3916/C37-2011-03-04

Salaverría, R. (2016). *Ciberperiodismo en Iberoamérica*. Barcelona:

Editora Ariel S.A.

Suing, A.; Ortiz, C. y González, V. (2016). Configuración de las autoridades de regulación de la televisión en los países andinos. *Revista Latina de Comunicación Social*, 71, pp. 730-749. Recuperado de [www.redalyc.org/articulo.oa?id=81943468038](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=81943468038)

Waisbord, S. (2010). Latin America. In: P. Norris (Org.). *Public Sentinel – News Media & Governance Forum* (pp. 305-328). Washington, D.C.: The World Bank, 305-328. Recuperado de [siteresources.worldbank.org/EXTGOVACC/Resources/PublicSentineleBook.pdf](http://siteresources.worldbank.org/EXTGOVACC/Resources/PublicSentineleBook.pdf)

**Sonia Virgínia Moreira** é jornalista, professora titular (visitante) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integra o conselho curador da INTERCOM e o conselho científico da SBPjor. É autora de livros e artigos sobre radiodifusão, indústria de mídia e geografias da comunicação. Coordena no Brasil o Worlds of Journalism Study.

**Martín Oller Alonso** é professor e pesquisador da Faculdade de Comunicação e do curso de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de Havana, em Cuba. É membro do comitê executivo e coordenador regional (América Latina) do Worlds of Journalism Study, autor de livros e artigos sobre jornalismo e culturas jornalísticas e coordenador do Proyecto Culturas Periodísticas.